

A ORIGEM PLURIVERSAL DA FILOSOFIA: UMA PROPOSTA DECOLONIAL DE ANÁLISE POR MEIO DE DELEUZE, GUATTARI, RAMOSE E AMEN-EM-OPE

Tarcísio Rocha Nogueira Araújo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
tarcisiorocha.filosofia@gmail.com

Na contemporaneidade, é possível observar um fenômeno em construção que busca a descolonização epistemológica da Filosofia, rompendo com a tradição imposta pelo Ocidente e buscando novos significados, novas pesquisas e novos olhares para as diversas filosofias, em contraponto à filosofia. Este fenômeno é a *Filosofia Decolonial*. Assim posto, o filósofo Mogobe Ramose advoga a favor da *pluriversalidade* da filosofia através de tal questão: *como poderia uma experiência tão específica em ordem de conjuntura social, econômica, política, cultural e religiosa, como a encontrada na Grécia antiga, produzir um saber de aplicabilidade universal?* Por consequência, é possível analisar a construção de conhecimentos de outras culturas e chama-las de *filosofia*? Durante a história da Filosofia, a academia determinou que as características inerentes à reflexão filosófica não eram encontradas em outros povos. No entanto, partindo da dificuldade de conceitualização de *filosofia*, Deleuze e Guattari desenvolveram, em conjunto, uma expansão conceitual de Filosofia. Deleuze e Guattari descrevem a filosofia como a *arte de formar e fabricar conceitos*, permitindo o surgimento do *plano de imanência*, onde os conceitos fazem valer a própria filosofia do filósofo. É estabelecida uma relação circunstancial entre os conceitos, fazendo com que, na filosofia platônica, por exemplo, o conceito de *bem* fosse necessário para contemplar as ideias, mas tinha sido necessário, antes, que Platão criasse o conceito de ideia. Com isso, é formulada uma expansão do conceito *filosofia*, rompendo com o pensamento ocidental de que filosofia seria o *amor* ou a *busca* pelo conhecimento. A importância deste rompimento com o conceito de filosofia imposto pelo Ocidente incide na questão clássica, já citada, do surgimento da filosofia como obra originalmente grega, isso devido às circunstâncias ímpares encontradas na Grécia antiga. Neste ponto, se encontra a tensão desenvolvida por Ramose: ou as circunstâncias únicas encontradas na Grécia instituíram a filosofia como um tipo de conhecimento também único, de aplicabilidade prática somente entre os gregos antigos que compartilhassem dessas circunstâncias únicas; ou a filosofia é *universal*, podendo ser exercida por qualquer cultura. Neste ponto, o filósofo Renato Nogueira volta seus estudos para as obras do filósofo egípcio Amen-em-ope. Tendo este vivido no século X a.C e, portanto, sendo predecessor de filósofos pré-socráticos como Tales de Mileto, a quem se atribui a origem do desenvolvimento do pensamento filosófico, Nogueira mostra como a filosofia de Amen-em-ope se faz valer de estruturas similares àquelas encontradas no pensamento dos pré-socráticos. Amen-em-ope desenvolveu grande reflexão no campo da ética com o desenvolvimento da *ética da serenidade* como um guia prático para uma existência equilibrada, harmoniosa e justa, fazendo uso da *teoria da balança*. Tal desenvolvimento é feito através do uso da razão, da abstração, da reflexão da realidade concreta *kemética* e demais características encontradas nos *phisikoi*, *mas por que Amen-em-ope não é reconhecido como um dos primeiros filósofos?* Assim posto, o presente resumo traz ênfase à Filosofia de Amen-em-ope por meio da problematização da origem da Filosofia, mas não se exclui da análise a expansão da pesquisa para as filosofias dos povos que sofreram com a imposição epistemológica do Ocidente.

Palavras-chave: Origem da Filosofia. Filosofia Antiga. Decolonialidade. Amen-em-ope. Deleuze.